



**14º Domingo depois de Pentecostes (21.08.05)  
Próprio 16**

## **1ª leitura - Isaías 51.1-6**

A obra de Isaías II (de 40 a 55) é dirigida aos exilados enfraquecidos, reduzidos em número e oprimidos. “Escutem-me, vocês que procuram a justiça...” Para fortalecê-los na fé, Isaías recorre à figura de Abraão e Sara. Ao lado da figura do novo êxodo (a saída do exílio), o profeta busca uma metáfora que pudesse expressar a fé no poder criador de Deus. O retorno do Exílio é como um ato criador de Deus. Abraão e Sara não tinham descendência e isso era um grande desespero, pois a esterilidade representava o fim, a morte. Pela intervenção divina, eles tiveram descendência. No exílio, eles ficaram fracos e reduzidos praticamente a nada. No exílio, sentiram também, a maldição ou ausência da vida. A redução da população significou a ausência da bênção. Então, a presença da figura de Abraão e Sara significa o nascimento da esperança.

51.1ss – “Ouçam...”. A conexão entre essa atitude total da pessoa e a procura da justiça é imprescindível. Para Isaías não há procura da justiça sem ouvir o Senhor: “Olhem bem para a pedra de onde vocês foram tirados...”. Na Bíblia o sentido da pedra é múltiplo. Pedra, rocha, cova são metáforas de não-vida. Trata-se de intervenção divina que traz novas oportunidades, novas percepções e visões como se trouxesse uma nova realidade do nada, da morte (Ver Rm 4.17). Essa intervenção tem como escopo a cidade transformada (Sião). Não se trata de fórmula doutrinária, mas de relacionamento, de comunhão e comunidade chamadas sem coerção, sem oferta de “vantagens” pelo Outro, que se alegra por se alegrar e quer compartilhar essa alegria. “A fé permite que Deus seja Aquele em si, de si por nós e nos toma para si de modo que não desejemos ser o que somos sem Deus” (E. Juengel).

Vs.4ss - Na forma de esperança vemos o novo governo de Deus sobre todos os povos (lei e direito de Deus). Ai há conexão entre o governo de Deus, sua salvação e o seu poder (meus braços). Há muito o que pensar. O Novo Testamento fala nas funções régias (pastoral), profética e sacerdotal de Jesus Cristo. Esse governo é contrastado com a transitoriedade deste mundo (vs.6).

“Olhem, olhem...” mensagem de esperança aos exilados, aos que parecem viver num beco sem saída, ou à beira do “desmoronamento”. A esperança traz um novo olhar Deus, de si mesmo e de outros. (*Dom Sumio Takatsu*)

## **Epístola - Romanos 11.33-36**

Com esta perícopé doxológica (pequeno hino de louvor), Paulo encerra esta seção (composta dos capítulos 9 ao 11) vislumbrando o fim glorioso da história (conduzida por Deus), porque “todas as coisas vêm d’Ele, por meio d’Ele e vão para Ele”. Alguns exegetas vêm naqueles capítulos uma parte da “carta original” (ditada



por Paulo) endereçada aos cristãos de Roma. O Apóstolo dos Gentios retoma o tema da absoluta sapiência divina (onisciência), enunciada no Primeiro Testamento a partir das doxologias de Is 40:13; Jr 23:18 e Jó 40:13 e 41:3. Como "bom judeu", ele retoma sua fé em YAHWEH a partir da qual crê firmemente que somente Deus sabe como e por que age de determinado modo e, por isso mesmo, age soberana, inquestionável e onipotentemente, pois, ao final, "a minha vitória será total e o meu poder durará para sempre" (Is 51: 6c).

A afirmação central e basilar desta perícopa é a de que Deus é o Senhor absoluto de todas as coisas e nada escapa ao Seu conhecimento e à Sua sabedoria. Entretanto, a mente humana jamais compreenderá ou conhecerá estes desígnios, pois o Eterno é insondável, inexpugnável, indecifrável e inescrutável. Resta ao ser humano (e à toda a criação) submeter-se total e plenamente à soberana vontade de Deus, tal como rezamos cotidianamente na oração do Pai Nosso: "seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu". Porém, esta submissão não é cega, nem surda, tampouco muda! Muito ao contrário. É a submissão daquela pessoa que "crê de olhos bem abertos" (perscrutando a realidade do mundo ao nosso redor) e, como e com São Paulo, pode afirmar: "tudo posso Naquele que me fortalece" (Fp 4:13).

As "profundas riquezas de Deus" não são nem ouro nem prata e, apesar de difíceis de mensurar, é através das muitas e inefáveis bênçãos (Hino 118 do Hinário Episcopal, Conta as muitas bênçãos) que percebemos o "quanto Deus já fez", faz e ainda fará por todas as pessoas que o amam e verdadeiramente cumprem os Seus mandamentos.

Muitas vezes os desígnios de Deus (sabedoria) desnorteiam nosso rumo, desorientam nosso entendimento e "bagunçam com a nossa vida", porém, por ser a nossa visão míope e a nossa inteligência limitada, precisamos "ligar o nosso desconfiômetro" e retomar a "antiga aliança" (simbolizada pela beleza do arco-íris) e perceber que Deus continua fiel apesar de nossas incontáveis e repetidas infidelidades!

Nesse hino Paulo também realça a imensa e infinita gratuidade de Deus (e, conseqüentemente, nossa total dependência de Sua misericórdia), ao perguntar: "quem emprestou alguma coisa a Deus para que tenha direito de receber/reclamar alguma devolução?" (Jr 23:18).

Finalmente, é em nossa resposta conclusiva e decisiva à pergunta do Evangelho de hoje ("quem é que vocês dizem que Eu sou? v.15) que reafirmamos a fé de Israel ("a pedreira de onde fomos tirados", Is 51:1) e anunciamos com Pedro: "Tu és o Messias, o filho do Deus vivo!" (v.16).

Por tudo isso reza o salmista: "eu te louvarei, Senhor, de todo o meu coração" (Sl 138:1) e, mesmo que não entenda e até, por vezes, relute em aceitar a divina orientação, mesmo assim creio firmemente que "todas as coisas acontecem para o bem daquelas pessoas que amam a Deus" (Rm 8:28). A Ele, portanto, pertence a glória para sempre. Amém! (*Rev. Ramacés Hartwig*)



## Santo Evangelho - Mateus 16.13-20

**1º. Comentário** - A narrativa de Mateus é densa e o conteúdo da passagem ganha a solenidade e a complexidade do momento. A questão é antiga e ecoa pelo tempo: *Quem é Jesus?* A indagação soa inesperada e requer uma resposta clara, imediata e sincera. Jesus não faz rodeios e nem fala por metáforas, ele é direto e objetivo: quer saber o que o povo e os discípulos pensam a seu respeito. Perguntas demandam respostas e nem sempre as temos. Na verdade, costumamos fazer os questionamentos errados e, por isso, continuamos sempre confusos. Aquele momento, contudo, era um tempo significativo para ambos: mestre e discípulos. Era hora de falar, pois o silêncio só se instalaria mais tarde – com a morte do Senhor. Daí, então, seriam os apóstolos quem estariam cheios de dúvidas e a procura de uma resposta – a qual viria com a ressurreição. Interessante observar que a atitude de Jesus revela um lado bem humano do Filho de Deus e considerando o grupo para o qual se dirige, o qual o acompanhava e a quem ele mesmo escolhera é natural pensar que sua opinião fosse importante para Jesus.

Dentre o povo, aqueles que ainda estavam presos ao passado recorriam à figura de João Batista, Elias, Jeremias ou algum dos profetas privando-se, assim, de fazer parte do novo roteiro que se anunciava na história. Um alerta para nós: quando, no presente, só conseguimos ver os contornos do passado está na hora de fazermos um bom exame interior, pois as tradições devem sempre ter uma função pedagógica e não funcionarem como couraças sobre quem quer que seja: leigos, pastores ou teólogos. Poderíamos trazer à memória um outro grupo formado pelos que, regidos por opiniões formadas e pré-estabelecidas (possivelmente pela força do primeiro grupo), eram incapazes de reconhecer naquele que circulava entre o povo o personagem tão esperado e, por isso, viam-no apenas como uma *pessoa comum*, um *glutão, bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores, sem teto e sem direitos* – perdiam a oportunidade da renovação humana e espiritual, pois é sempre difícil lidar com opiniões formadas. Sejam conservadores, evangélicos, liberais ou fundamentalistas, todos possuem posturas sempre muito definidas e ninguém está disposto a dialogar sem imposições.

À simples, embora impactante, pergunta feita pelo Mestre os discípulos são honestos, a verdade era uma só: *o povo não o reconhecia como o Messias!* A sinceridade e objetividade dos que foram argüidos não deixa dúvidas. Além disso, eles parecem estar bem *plugados* naquilo que o povo pensava, o que os coloca como *cristãos antenados com o seu tempo* e não apenas com suas próprias convicções.

E hoje, quem é Jesus para a sociedade, para a Igreja brasileira, para nós? As opiniões também divergem: *revolucionário, pacifista, sábio, confrontador, deturpador da "boa ordem", exemplo a ser seguido, grife nacional, lucro garantido, guru, garoto propaganda* ou ainda *alguém exatamente como você e eu* - conforme querem fazer crer alguns. Todos essas percepções, contudo, parecem ofuscar a verdade imprescindível: *"Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo."* (v.16).



E quem revela tamanha verdade? De acordo com a perícopes de hoje, um dos discípulos vai mais longe, sua confissão vem do céu – assim como no batismo também é do céu a voz que confirma a messianidade do Cristo – é a declaração de Pedro, revelada pelo Pai, que reorganiza e dá rumo aos próximos acontecimentos. Ela inaugura um novo momento – novo alerta a todos que, nas tribulações da existência, tendem a deixar no passado as grandes afirmações de fé às quais devotaram a vida. É a revelação gratuita de Deus que nos anima e fortalece e não o quanto somos capazes de entender um assunto. Para a Igreja cristã é fundamental não se perder entre as inúmeras faces do Cristo apresentadas por líderes descuidados e presunçosos. Jesus é bem mais do que nossas teorias. A afirmação de Pedro, pois, estabelece rompimentos no modo de ver o Messias e lança uma nova confissão de fé para o presente e futuro. É ela, e não Pedro, o grande sustentáculo da fé. *É Jesus que deve ser reconhecido em nossas vidas! Ele é o Filho do Deus vivo!* Vivemos em um mundo *assustadoramente maravilhoso* no qual são poucos os acontecimentos que causam grandes impactos, por isso é tão difícil ao cidadão do século XXI mensurar o peso, valor e sentido de tamanha revelação. Imersos em uma realidade que oferece tantos caminhos, somos constantemente tentados a misturar-nos à multidão que já não sabe mais *quem é Jesus!* Os versos 18-20 valem-se de imagens (*portas, chaves, ligar, desligar*) que apontam para temas igualmente profundos: a responsabilidade do cristão enquanto testemunhas de Deus. Assim, o perdão, o poder, o amor que anunciamos não deve nunca apontar para nós, mas para o Pai.

Lembremo-nos ainda de que Jesus acusa os fariseus de “fecharem o Reino

dos céus diante dos homens” – note-se, então, a responsabilidade dos

discípulos e da Igreja, simbolizada em Pedro, de opor-se à prática

excludente dos fariseus. E nós hoje? Contra que ou quem nos opomos hoje?

(*Selma Almeida Rosa*)

**2º. Comentário** - A narrativa do Evangelho gira basicamente em torno da pergunta de Jesus aos discípulos: “você, quem dizem que eu sou?” E a confissão petrina: “Tu és, o Cristo, o Filho de Deus vivo”. Esta confissão aparece nos três primeiros evangelhos. No Quarto Evangelho, Marta faz semelhante confissão. Fazendo a comparação entre os três evangelhos, nota-se uma pequena diferença em Mateus. Primeiro, Jesus observa que essa percepção da realidade de quem Ele é não vem da realidade humana, mas tem sua origem em Deus. Portanto, não é de autoria humana. Segundo, só em Mateus Jesus diz: “sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”. “Sobre esta pedra”, os católicos romanos e os protestantes discutiram muito: se a pedra é Pedro ou se é a confissão. No Antigo Testamento, a rocha é metáfora de



Deus. No Novo Testamento, Cristo é a pedra angular que une as pedras do edifício. Tudo indica que o que distingue a Igreja de outras comunidades é a percepção e confissão de que Jesus é o Cristo, porque a Igreja está construída sobre Cristo. Essa confissão não é descoberta humana, mas vem de Deus. No Evangelho de Mateus, Pedro é portador dessa confissão. Esse portador por si só não garante a edificação da Igreja. Tanto assim que Pedro é corrigido quando propõe uma outra perspectiva de Cristo. E o perfil de Pedro como de qualquer discípulo tem o estigma de traidor restaurado.

O ponto importante a ressaltar é que a Igreja em Mateus está no contexto de conflito. A Igreja vive em meio às ameaças mortais. E a promessa é que a morte não prevalecerá contra ela. E um outro ponto importante é que ela é a comunidade de perdão. O perdão torna a vida de Deus fluir na comunidade.

As três leituras nos falam no propósito salvador de Deus cheio de misericórdia, a despeito do fracasso e da rejeição por parte da humanidade. Em Isaias, os exilados retornam à terra e sonham por um Éden, porque Deus a quem eles adoram é o Deus que trouxe o Israel do nada, (esterilidade, na estória de Abraão e Sara). Em Romanos, Deus tem o seu tempo de paciência para que todos, gentios e o Israel reconheçam a graça e misericórdia de Deus. Assim, ninguém tem nada para se orgulhar. Em Mateus, a Igreja é Igreja na medida em que se reconhece que sua vida está Naquele que foi crucificado e ressuscitado. (*Dom Sumio Takatsu*)